



University of
Texas Libraries

REDIB
Red Iberoamericana
de Investigación y Conocimiento Científico



e-revist@s



Faculdade Santo Agostinho
revista fsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 15, n. 1, art. 7, p. 124-141, jan./fev. 2018
ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983
<http://dx.doi.org/10.12819/2018.15.1.7>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



As Muitas Faces do Trabalho Docente Feminino: Vivências na Escola

The Many Faces of Female Teaching Work: Experiences in School

Cátia Aparecida Veríssimo

Mestra em Educação pela Universidade Federal de Lavras
Psicóloga pelo Centro Universitário de Lavras
E-mail: catiaverissimo@yahoo.com.br

Jacqueline Magalhães Alves

Doutora em Ciências Florestais pela Universidade Federal de Lavras.
Professora da Universidade Federal de Lavras.
E-mail: jacque@ded.ufla.br

Alessandro Vinicius de Paula

Doutor em Administração pela Universidade Federal de Lavras
Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais
Professor da Universidade Federal de Mato Grosso
E-mail: avpaula@yahoo.com.br

Endereço: Cátia Aparecida Veríssimo

Rua Sargento Geraldo Miranda Castro, N°18, Vila
Martins, Lavras, Minas Gerais, Cep: 37200-000.

Endereço: Jacqueline Magalhães Alves

Rua Sargento Geraldo Miranda Castro, N°18, Vila
Martins, Lavras, Minas Gerais, Cep: 37200-000.

Endereço: Alessandro Vinicius de Paula

Departamento de Psicologia/Instituto de Educação da
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT - Campus
Cuiabá). Avenida Fernando Corrêa da Costa, n° 2367,
Cuiabá, Mato Grosso, Brasil – CEP 78060-900.

Editor Científico: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 30/09/2017. Última versão recebida em 14/10/2017. Aprovado em 15/10/2017.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Apresentamos algumas considerações sobre as relações entre o trabalho docente e os impactos ocasionados na vida de professoras da rede pública de uma cidade em Minas Gerais. Trata-se de um estudo exploratório de abordagem qualitativa. Os dados foram coletados na forma de entrevista semiestruturada e tratados a partir da análise de conteúdo. Optamos por um recorte biográfico com as vivências de três professoras, constatou-se que muitos são os desafios enfrentados pelas docentes, fatores que podem implicar em custos psicológicos diversos. Evidenciamos que as relações de gênero estabelecidas no ambiente de trabalho docente estão para além do ato de educar, gerando muitos desafios para as profissionais docentes que estão na sala de aula.

Palavras Chaves: Docência. Trabalho. Gênero.

ABSTRACT

Here are some considerations on the relationship between the teaching work and the impacts caused in the lives of the public teachers of a city in Minas Gerais/Brazil. This is an exploratory qualitative study; data were collected in the form of semi-structured interview and treated from the content analysis. We opted for a biographical cut with the experiences of three teachers; it was found that many are the challenges faced by teachers, factors that may result in various psychological costs. We showed that gender relations established in teaching environment are beyond the act educate, creating many challenges for professional teachers who are in the classroom.

Keywords: Teaching. Work. Gender.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho humano é uma das principais formas que os indivíduos possuem para realizar-se pessoalmente. Esse mesmo trabalho denota variadas significações; por um lado, pode propiciar prazer e realização, por outro, pode acarretar sofrimento, colocando saúde e vida em risco, tornando-se, assim, um elemento nocivo e patogênico. No trabalho, os processos de esgotamento e desgastes podem desencadear, possivelmente, pelo tipo de trabalho e pela forma como este é organizado.

Os docentes apresentam um conjunto de adoecimentos relacionados à atividade laboral que são bem característicos, especialmente, quanto aos sintomas psicológicos, somáticos e comportamentais relacionados ao estresse e demais exigências docentes (ROBALINO; KÖRNER; UNESCO, 2005). É recorrente, por exemplo, a presença da síndrome de burnout ou síndrome do esgotamento profissional na carreira docente (CARLOTTO, 2002; CODO; VASQUES-MENEZES, 1999).

A síndrome de burnout é um dos sintomas psicossomáticos e comportamentais do estresse. O burnout possui relação com os resultados do trabalho e está relacionado, principalmente, com agravos/adoecimentos que afetam as condições de saúde do trabalhador acometido por tal síndrome (BAKKER; DEMEROUTI; SANZ-VERGEL, 2014). Quanto aos agravos físicos da carreira docente, é muito comum, por exemplo, o adoecimento das cordas vocais em docentes e demais patologias (PAULA; VILAS BOAS, 2017; KARMANN; LANCMAN, 2013; SANTANA; GOULART; CHIARI, 2012; MORAIS; AZEVEDO; CHIARI, 2012; FABRÍCIO; KASAMA; MARTINEZ, 2010; ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009; ROBALINO; KÖRNER; UNESCO, 2005).

Muitos são os fatores que podem estar associados ao adoecimento dos profissionais que se dedicam ao trabalho docente e, entre eles, podemos destacar a variável gênero. É um marcador social importante a ser considerado, uma vez que as relações que as mulheres mantêm com o trabalho são diferentes da estabelecida pelos homens. Os riscos relacionados ao trabalho também são distintos para homens e mulheres (MORENO, 1999). Enquanto as mulheres sustentam jornadas duplas ou triplas incluindo trabalhos domésticos cabe, muitas vezes, ao homem exercer somente o trabalho formal pelo qual ele será remunerado ao desempenhar.

No esteio desses argumentos, o objetivo geral do presente estudo foi a identificação de como as condições gerais de trabalho podem impactar na vida das professoras, causando-lhes

mudanças na vida dentro e fora da escola. Como lidam com essas sensações e sentimentos? Que reflexões fazem a partir das suas atividades?

TRABALHO, DOCÊNCIA E AS QUESTÕES DE GÊNERO

O trabalho é considerado a principal forma de interação entre as pessoas e a natureza, por meio do trabalho é possível transformar-se e modificar o meio, mas torna-se necessário considerar que algumas atividades exigem dos trabalhadores esforços extras, isso se deve às características intrínsecas do tipo de trabalho realizado e do lugar que o trabalho ocupa na teia social. No nosso caso, o interesse circunscreveu-se sobre o trabalho realizado por professoras no contexto escolar público.

Sabemos que as relações existentes entre o trabalho, a educação e o ambiente escolar têm sido tema de constantes discussões nos últimos anos, principalmente, pela docência ser essencial para o desenvolvimento humano. De acordo com Soratto e Olivier-Heckler (1999), a escola é responsável por criar momentos que serão lembrados e relembrados por toda vida. A experiência individual, as vivências e trocas serão o fomento de histórias que serão passadas para as futuras gerações:

[...] a escola é nada menos que a primeira instituição da qual fazemos parte fora da família, é nosso primeiro contato com o mundo fora da proteção do lar, longe dos pais e dos irmãos. É onde temos que aprender a conviver com as outras pessoas de origens diferentes, hábitos que não conhecíamos [...]. A escola contribui na construção da nossa identidade, da nossa personalidade, de maneira básica, estrutural; organiza os nossos afetos [...]. (SORATTO; OLIVIER-HECKLER, 1999, p. 89-90).

Ao falar de educação é necessário levar em conta a realidade coletiva e os cenários que circundam a nossa sociedade. Grande parte das comunidades ocidentais sofreu e sofre constantes transformações e esse fator comum torna semelhante os problemas e as questões enfrentadas por professores de diferentes regiões (TARDIF; LESSARD, 2011). O processo de educação origina-se do conhecimento que é produzido pela sociedade; isso se deve às demandas que originam das pessoas e das suas experiências de sobrevivência ou das produções individuais e coletivas de um determinado grupo social.

Alguns setores de serviços e ocupações consideradas centrais como educação, trabalhos terapêuticos e psicológicos, polícia, serviços sociais, entre outras atividades, revelam fragilidades e complexidade, ou seja, o trabalho executado na presença do outro e as

relações estabelecidas entre essas pessoas, constituem em si o processo do trabalho. Espera-se por meio dessas relações modificar e melhorar as condições humanas. Sobre o trabalho docente, modificar pessoas é uma das principais condições e qualidades, tornando importante compreender “[...] que as pessoas não são um meio ou uma finalidade do trabalho, mas a “matéria-prima” do processo do trabalho interativo e os desafios primeiro das atividades dos trabalhadores” (TARDIF; LESSARD, 2009, p. 20).

Através das relações de trabalho, modifica-se o outro, ao passo que também modificados, por eles. As relações são constantemente transformadas, exigindo dos trabalhadores pleno desenvolvimento. Freire (1985) destaca que a educação está além da ideia de conhecimento, é um ato político, e o seu lugar não é de neutralidade e abstração, mas, por meio dela pode se adquirir lugar de poder.

Lüdke e André (2013, p. 4), mostram que em educação “as coisas acontecem de maneira tão inextricável que fica difícil isolar as variáveis envolvidas e, mais ainda, apontar claramente quais são as responsáveis por determinado efeito”. Muitos são os fatores que podem estar associados à condição docente e, entre eles, podemos destacar a variável gênero. É um marcador social importante a ser considerado, uma vez que as relações que as mulheres mantêm com o trabalho são diferentes das relações estabelecidas pelos homens. Os riscos relacionados ao trabalho também são distintos para homens e mulheres (MORENO, 1999).

Enquanto as mulheres sustentam jornadas duplas ou triplas incluindo trabalhos domésticos cabe, muitas vezes, ao homem exercer somente o trabalho formal, no qual ele será remunerado ao desempenhar. Para aprofundarmos as relações existentes entre o trabalho docente e a questão de gênero é preciso desnaturalizar muitos discursos sobre as mulheres. Para tanto, torna-se indispensável contextualizar a diferença entre os conceitos de sexo e gênero.

O sexo humano apresenta suas primeiras diferenciações já no desenvolvimento genético pois, desde o princípio, o embrião já possui um sexo. Mesmo que não haja diferenças fisionômicas entre eles, esse seria o sexo cromossômico que é seguido pelo sexo gonadal e, posteriormente, o genital (COLOM; ZARO, 2007). O sexo estaria vinculado a uma determinação biológica que nomeia as diferenças biológicas e separam em grupos mulheres e homens. Em contrapartida ao conceito de sexo, Louro (2000) nos permite compreender que gênero é uma:

[...] construção social feita sobre diferenças sexuais. Gênero refere-se, portanto, ao modo como as chamadas “diferenças sexuais” são representadas ou valorizadas; refere-se àquilo que se diz ou se pensa sobre tais diferenças, no âmbito de uma dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto. (LOURO, 2000, p. 26).

O termo de origem inglesa *gender* começou a ser utilizado para formar uma nova categoria capaz de analisar a extensão das relações sociais e culturais confrontando-a com o termo sexo que trazia uma classificação biológica (GONÇALVES, 1998).

Gênero é um termo amplo, constituído em um longo processo de construção sociocultural da identidade sexual dos indivíduos, não estando, necessariamente, atrelado às características biológicas, mas sim aos papéis que cada pessoa assume na teia social. Scott (1990) destaca:

[...] a definição de gênero repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional. (SCOTT, 1990, p. 86).

As relações sociais de gênero, assim como as relações de classe, raça e etnia são determinadas pelo contexto social, cultural, político e econômico, sendo modificáveis e inconstantes (SCOTT, 1990).

Gênero é uma construção social do masculino e feminino, de acordo com o repertório comportamental assumido. É resultado de um antigo e complexo processo em que a diferença entre os sexos foi convertida em desigualdade, e a relação fundamentada nessas diferenças hierarquizou as relações e estabeleceu a superioridade do sexo masculino (LOURO, 2000; GONÇALVES, 1998; SCOTT, 1990). Assim, o homem, ocupou o lugar do “provedor”, ficando a mulher como sua dependente econômica e condicionadas à dominação masculina. Couberam-lhe, então, os “deveres” de esposa e mãe, devendo-se isso, ao processo de socialização patriarcal. As mulheres, assim, ocuparam o lugar de “reprodutoras”, como se essa fosse a única função que pudessem exercer.

Para Batista e Codo (1999), historicamente o homem sempre tomou como seus os espaços públicos, enquanto as mulheres, tidas como “rainha da esfera privada”, se limitavam ao universo particular dos seus lares.

O regime social fundamentado no patriarcado heterossexual permitiu, durante muito tempo, um modelo de violência contra a mulher, nomeando os homens como sujeitos ativos nas relações sexuais e sociais, posicionando as mulheres como subordinadas e inertes, cabendo a elas somente o papel de reprodutora (DANTAS-BERGER; GIFFIN, 2005). As relações baseadas nas diferenças entre os sexos é uma questão social antiga, e constitui uma das mais primitivas, injustas e duradouras relações de desigualdades.

A construção de papéis sociais baseada no sistema patriarcal e no capitalismo, em diferentes épocas e sociedades diferenciou os sexos e posicionou a mulher em lugar de desvantagem. Tais desvantagens também são constatadas em relação aos salários e às condições de trabalho, uma vez que as mulheres trabalhadoras são exploradas pelo capital ao menos duas vezes, já que além do trabalho externo realizam também o trabalho doméstico que mantém e garante o metabolismo social do capital (ANTUNES, 2005).

O processo de feminização da docência foi um marco, uma das primeiras ações das mulheres rumo a sua emancipação. Sobre a feminização da docência, Louro (1997) indica que o magistério passou por um processo de ressignificação:

Aos poucos crescem os argumentos a favor da instrução feminina, usualmente vinculando-a à educação dos filhos e filhas. Essa argumentação irá, direta ou indiretamente, afetar o caráter do magistério - inicialmente impondo a necessidade de professoras mulheres e, posteriormente, favorecendo a feminização da docência. Os discursos que se constituem pela construção da ordem e do progresso, pela modernização da sociedade, pela higienização da família e pela formação dos jovens cidadãos implicam a educação das mulheres - das mães. (LOURO, 1997, p. 96).

Torna-se necessário pensar que a feminização da docência está para além de atributos tidos como femininos, mas que está atrelada a uma condição de não intelectual, uma vez que basta que as professoras detenham recursos relacionais, de sentimentos e sensibilidade (CARVALHO, 1999). Evidencia-se assim, forte associação entre o trabalho docente e qualidades tidas como femininas, como a expressão de afeto, sensibilidade, cuidado, como se fossem as mulheres detentoras universais de comportamentos que as tornassem aptas para o exercício de algumas atividades e inaptas para outras.

O magistério estava totalmente atrelado à questão de gênero, o seu exercício, de certa forma, tornava-se extensão das casas dessas mulheres trabalhadoras, justificando o porquê de ter sido um trabalho socialmente aceito em épocas passadas. Carvalho (1999) considera que o “cuidado” está presente na relação professor e alunos, sendo um comportamento esperado dentro desse tipo de ambiente. O cuidado ainda é a fonte de diversas outras formas de cuidar, de acordo com a autora esse tipo de prática é ainda mais perceptível nos anos iniciais do processo educacional.

No momento em que ocorria a expansão do capitalismo, a docência e a enfermagem eram vistas como atividades que envolviam os “cuidados dos outros” e, para a realização de tais atividades eram necessárias características fundamentalmente femininas (BATISTA; CODO, 1999). De forma perspicaz, talvez desprovida de intenções maiores, mas nem por isso

menos importante, a entrada e solidificação das mulheres no campo da docência foi uma importante abertura em direção a outras significativas conquistas no mundo do trabalho fora da esfera doméstica.

METODOLOGIA

Utilizamos uma abordagem qualitativa no desenvolver do presente estudo exploratório, desde a coleta das informações, via entrevista semiestruturada, mantendo essa perspectiva na posterior análise dos dados. Para analisar e refletir sobre o material recolhido, utilizamos a análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

Ao analisarmos as histórias relatadas pelas docentes optamos pela construção de uma pequena biografia das três participantes com o intuito de apresentá-las, mostrando o lugar de fala delas, e de que forma o trabalho e as relações advindas dele perpassam suas vidas. Os nomes utilizados para identificação das professoras entrevistadas são fictícios e foram sugeridos por elas próprias.

Sobre as professoras participantes, temos um grupo heterogêneo no que tange à idade, cor, estado civil, área de formação e tempo de formação/atuação. Ao longo do texto será possível perceber que elas também se posicionam de formas diferentes; as falas em alguns momentos até destoam, ficando difícil imaginar que elas atuem em um contexto comum. Apesar de suas peculiaridades, compõem uma mesma engrenagem e enfrentam desafios semelhantes trazidos pelas questões de gênero e docência.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Com a palavra, elas... a história de Samanta

Samanta é uma mulher solteira de 32 anos, jovem, autodeclarada negra. Tivemos alguns contatos antes da entrevista e ela sempre se apresentou como uma pessoa destemida e focada. Samanta trabalha, estuda e tem buscado aprimoramento profissional; acredita que assim conseguirá alcançar um melhor posto de trabalho.

Iniciando à entrevista, a primeira coisa que perguntamos foi como ela gostaria de ser tratada no corpo do texto. Explicamos que ela deveria indicar um nome próprio que seria utilizado para fazer referência às suas respostas. A resposta veio rapidamente, “eu gostaria de ser nomeada como Samanta” (nesse momento ela deu altas e longas gargalhadas, seguido de

palmas). Sobre a justificativa da escolha do nome Samanta, mesmo não sendo solicitada, ela responde: “nome de guerra né?!”.

Durante a coleta, fizemos algumas pausas, eis que em uma dessas surgem algumas temáticas importantes, entre elas o seu envolvimento com a militância negra. Ela já havia deixado claro que era mulher, negra e pobre, e que isso era utilizado para estreitar os vínculos com os estudantes. Samanta diz ter uma relação aberta com seus alunos e fala para eles o que sente:

Às vezes eu falo com os alunos [...] eu acho que tem identificação, porque quando você mostra alguma fragilidade você consegue se aproximar do outro, uma das coisas que eu faço é mostrar minhas fragilidades, sou pobre, sou negra, então, isso causa uma proximidade, uma abertura, para acabar qualquer forma de restrição que possa ter da parte deles, sempre conto minha história quando eu conheço uma turma para não ter hostilidade, porque eles têm hostilidade com quem tem um poder aquisitivo maior, quando eu mostro que eu não tenho um poder aquisitivo maior eu já quebro barreira uma barreira muito grande! (Samanta).

Essa proximidade entre Samanta e seus alunos favorece as trocas e acaba por ser importante motivador para ela.

O prazer de estar fazendo a diferença em algum sentido, acho que isso não precisa ninguém falar, eu sinto isso quando eu tô numa aula, não precisa ter um reconhecimento no final de ano de terceiro, receber uma homenagem... isso é supérfluo! Agora um aluno chegar para você e falar: “nossa professora foi fantástica a aula sua”, acho que nada paga isso (risos). (Samanta).

Codo *et al.* (1999) revelaram que, tanto a sociedade, como os próprios professores consideraram a atividade docente como mais importante que qualquer outro trabalho. Para eles:

A importância da percepção do próprio trabalho como útil à sociedade tem um valor inegável para a autoestima do trabalhador, para a forma como se estrutura a sua identidade; sentir que a realizamos um trabalho inútil faz, de alguma maneira, com que sintamos também inúteis (CODO *et al.*, 1999, p. 293).

Nesse contexto de utilidade do trabalho para a sociedade e para a constituição do indivíduo trabalhador, Samanta articula suas aulas aos assuntos da atualidade, tais como violência, gênero, movimentos sociais, raça e etnia, trabalho, tecnologias, entre outros. Para ela, a sala de aula e o espaço ideal para desenvolver o pensamento e comportamento crítico dos estudantes com os quais lida diariamente.

Para Samanta, uma de suas principais bandeiras é a do movimento negro, embate esse que, segundo, começa na própria família:

Até pelo meu histórico mesmo né? Acho que a mulher negra, assim [...] talvez eu tenha ido para as ciências humanas para buscar defesas, autoconhecimento, mais segurança, acho que eu acabei escolhendo a humanas para isso. Para eu saber me defender e me impor mais socialmente, para me impor como mulher e negra, ressalto a questão de ser negra. [...] Acho que é o peso maior, que simplesmente ser uma mulher, uma mulher branca, que não sofrem nem 1/3 do que a mulher negra sofre [...] acho talvez pelo fato de ser mulher, primeiro ser negra primeiro e, posteriormente, mulher. (Samanta).

De acordo com Carvalho (1999), as relações estabelecidas entre as mulheres negras e as questões de gênero, idade e cuidado, por exemplo, se configuram de maneira diferente. Para a autora, essas temáticas são organizadas a partir do eixo central da identidade racial, e são discutidas pela comunidade racial, como exercício de autoridade. Quando, durante nossa conversa, Samanta foi questionada sobre o que esperava com seu trabalho, ou a partir do seu trabalho, ela responde:

Eu esperava entregar uma revolução, mas, eu acho que uma aula, uma vez por semana é meio difícil fazer isso sozinha, mas, nossa (levanta a cabeça e sorri). Eu gostaria que eles mesmo alunos e alunas parassem e dissessem nós não aceitamos isso! Nós queremos mudanças! (Samanta).

Em alguns momentos, Samanta revela se sentir sozinha nas lutas que encabeça dentro dos variados espaços pelos quais transita, a começar pela escola. Segundo ela existe movimentação, mas ainda muito pequena, longe, muito longe do ideal.

Com a palavra, elas... a história de Helena

Helena é uma mulher de 26 anos, solteira e que se autodeclara branca. Trabalha com crianças com necessidades especiais. Integrante de uma família de classe média com uma situação financeira confortável, tem dois irmãos, sendo um deles adotado. Ela repetiu isso algumas vezes. Filha mais velha, coube a ela muitas vezes exercer o papel de “segunda mãe” para os dois irmãos que vieram depois. Atualmente, com a sua mãe morando em outra cidade, é ela quem ainda cuida do irmão mais novo.

Segundo o seu relato, ainda muito pequena, ela se lembra de quando a mãe comentou em casa sobre uma criança que seria colocada à disposição para a adoção, isso devido à

escassez de recursos por parte dos pais biológicos. Ela recorda de ter encorajado a sua mãe a assumir a guarda dessa criança e, caso o processo de adoção desse certo, poderia contar com ela (que também era uma criança) para ajudar nos cuidados desse segundo irmão. Em seu relato diz que nessa época ainda era bem pequena, mas se recorda como tudo se deu e se sente orgulhosa por ter participado. Encarregada de cuidar dos irmãos mais novos, os afetos que já moravam nela desabrocharam de forma precoce e sem medidas, junto vieram as responsabilidades:

Desde de pequeninha eu tenho responsabilidade, meus pais me davam responsabilidade, eu sempre encarei isso como um trabalho, o mundo foi girando, girando, a responsabilidade só foi aumentando. (Helena).

Vendo na filha uma boa e responsável cuidadora, a mãe foi sua maior incentivadora a seguir pela carreira docente, segundo percepção da mãe “uma profissão de mulher”. Primeiro foi o curso de pedagogia e depois educação física, que no momento encontra-se trancado devido à mudança de cidade. Carvalho (1999 *apud* NODDINGS, 1984) expõe que o cuidar é natural, assim, como o agir em favor do outro, “quando me torno mãe, eu entro numa relação muito especial possivelmente a relação de cuidado prototípica”. A partir da memória de terem sido cuidados por alguém, todos os seres humanos teriam de forma universal uma tendência a cuidar dos outros membros da mesma espécie.

Sobre as relações pessoais, Helena diz que são estabelecidas a partir dos afetos, revelou ter ótimos relacionamentos tanto dentro da escola com colegas e funcionários, como com os pais e responsáveis pelos alunos, se estendendo-se também a sua comunidade. Relatou ser procurada pelas famílias de seus alunos, para participar de eventos familiares; disse que essas pessoas vão atrás dela para que possam formalizar convites para aniversários, batizados, casamentos, churrascos e festas de final de ano. Helena relata que suas práticas de cuidado com os alunos são perpassada por afetos: “Uma mãe e uma avó pediu para eu dar carinho para o menino, eu encontro na rua eles/elas me abraçam e beijam, é uma relação muito amorosa, relação afetividade total”. Helena vive um misto de sentimentos dentro da escola, ela se depara o tempo todo com os custos e a responsabilidade de cuidar de vários filhos e filhas, que não são dela, embora esse sentimento seja compensador, isso não garante sua completa satisfação.

De acordo com os seus relatos, a falta de envolvimento e a forma fria e ríspida com que alguns dos seus colegas lidam com o trabalho a deixam desmotivada, esgotada e decepcionada; segundo ela, é frustrante estar ali. Por trabalhar com deficientes físicos e

portadores de necessidades especiais, ela relata que existe, por parte de algumas pessoas do corpo docente, uma baixa expectativa quanto à evolução dessas crianças, conforme a fala que segue: “me faz mal, no meu caso por ser educação especial, muitos outros professores falam assim: ‘eu não dou conta desses meninos não’! Aí eu fico malzona, muito mal, quero brigar”. Ela segue apontando que falta carinho nas relações estabelecidas dentro do ambiente escolar:

Ah eu acho que as professoras deveriam ser mais carinhosas, ao invés de brigar demais [...]. Acho que isso que deixa elas doentes às vezes, sabe? Amar mais os meninos, deixarem eles amarem elas, sabe? Não sei te falar em palavras agora se envolver mais, ter um vínculo, talvez seja difícil porque tem filho em casa e mais um monte de coisas, mas se escolheu essa profissão deveria saber que tem que ser o amor antes de tudo, queria que fosse mais assim. (Helena).

Dentro de uma lógica capitalista, em que as relações são estabelecidas e baseadas por uma série de indicadores, como por exemplo: salário, técnica, hierarquia, burocracia, norma e etc, exige-se do trabalhador maior objetividade, o que acaba limitando o envolvimento afetivo. No entanto, para Codo e Gazzotti (1999) os afetos são reprimidos e não eliminados, dessa forma, eles se deslocam e são expressos de formas diferentes.

Para a professora Helena, o envolvimento das professoras com os estudantes deveria ser além de uma relação de mercado/financeira. Segundo ela, as “conversas de corredores” giram em torno de suportar a condição docente, única e exclusivamente pelo salário ou para a manutenção de seus cargos. Segundo Helena:

“[...] acho que as professoras deviam ser mais envolvidas, não só pelo dinheiro, ou ficar ali só pelo dinheiro, nossa eu vou dar aula no estado eu vou ganhar tanto... vou ganhar muito, muito mais... realmente ganha mais. Eu já escutei uma professora falando: ‘Nossa! Esses meninos aqui vão ser tudo marginal mesmo!’ Ahhh! A escola é de periferia, os meninos estão ali (pausa e um longo silêncio) a gente sabe! Mas querendo ou não, se eles estão ali, se eles chegaram até o 5º ano, lá tem meninos já estão no último ano do ensino médio, a escola está tendo aluno, ou seja, pelo menos um, dois ou três ali vai ser. Algum deles vai ter futuro bom, vai ser um cidadão melhor, nem todos eles vão ser fudidos não! (Silêncio, sinalizando negativamente com a cabeça baixa)”. (Helena).

O relato da Helena revela algumas problemáticas que envolvem a questão da formação docente e, principalmente, sobre preparar os futuros professores não só para a “transmissão” de conteúdos formais, mas, acima de tudo, que os preparassem para lidar com os impensáveis desafios da carreira e com seus sentimentos com relação à docência. Seria indispensável promover avaliações dos candidatos a professores, evitando o acesso à profissão docente de pessoas sem perfil docente e/ou desequilibradas, cuja fragilidade os expõe a um fracasso certo na relação educativa.

Diante de um contexto que tem se tornado cada dia mais complexo, não é possível permitir o acesso e o previsível fracasso por parte de educadores. Sobre o resultado que a professora Helena espera entregar como fruto do seu trabalho, ancorado nas relações de afeto e carinho, ela diz:

Bom! Na educação especial acontecem poucas evoluções, mas eu creio que eu entregue, talvez [...] meninos mais amorosos com o próximo! Meninos que querem ao menos ajudar... Assim... eu não falo ele aprendeu a ler e a escrever, eu tento passar aquela coisa do menino, que olha e pensa... Nossa eu posso ajudar o colega? Eu posso ajudar o outro? Como eu posso melhorar? Eu entrego mais ser humano. A professora que tiver lá na frente e souber dar continuidade, que souber dar a esse menino o mesmo carinho que ela dá ao restante da turma, ela vai levar ele, ela vai com ele e o resultado vai ser ajudá-lo a se tornar uma pessoa melhor. (Helena).

Helena acredita que, por meio das suas relações afetuosas, pautadas no carinho, escuta e amor ela atingirá os seus objetivos, entre eles o de entregar à sociedade seres humanos melhores. Ela espera que esses e essas possam ser vistos para além das suas limitações e, para isso, é necessário que cada um eduque o seu olhar para com as diferenças.

Com a palavra, elas... a história de Rosa

Rosa é uma mulher de 47 anos, classe média, casada, mãe de dois filhos, que se autodeclara parda. Muito objetiva, articulada e firme quanto aos seus posicionamentos. Única filha mulher de uma família composta por homens, aprendeu a ser prática. Ela tem mais três irmãos que, desde muito jovens, começaram a trabalhar nos negócios da família e que, por esse motivo, sempre tiveram acesso aos bens, como carros, mesadas etc., contudo, com Rosa sempre foi muito diferente porque ela era mulher.

Sem respaldo do pai e irmãos, desde muito nova percebeu que, para conseguir conquistar o seu lugar, dependeria única e exclusivamente dos seus esforços. No entanto, Rosa sonhava alto, e muito obstinada, não queria apenas um lugar, queria vários. Revela que sempre teve o apoio da mãe como uma aliada e cúmplice para conquistar seu espaço.

De acordo com Batista e Codo (1999, p. 69), “gênero e trabalho são dois determinantes estruturais da identidade”. Desde muito cedo somos ensinados a nos reconhecer frente ao espelho de acordo com sexo que nascemos, ou seja, se ver como menina ou como menino. Com o trabalho não é diferente, identifica-se uma pessoa a partir do trabalho que ela executa, seja um médico, professor ou enfermeiro.

Rosa precisava ser reconhecida e mostrar aos homens da sua casa que ser mulher não a fazia diferente ou inferior a eles. Ela buscava autonomia; assim, escolheu ser professora e, paralelamente, fez outros dois cursos, graduando-se em três. Sobre ser professora ela diz:

Porque quando eu escolhi ser professor era tudo de bom, quando comecei eu detestava férias, final de semana, e se eu pudesse escolher o dia de folga, eu não escolhia a segunda, porque segunda era o dia com maior número de alunos, o dia em que mais alunos iriam, e eu queria minha sala cheia. (Rosa).

Dos outros dois cursos, um a manteve no espaço educacional, já o outro, ela elege, da área agrária, naquela época, era, predominantemente, masculino. Lá estava ela entre as poucas mulheres da universidade. Também uma das primeiras mulheres a se formar no curso escolhido, ela conta sorrindo que “eu subia em trator igual macho!”.

Depois de concluídas as três graduações, ela foi amadurecendo; percebeu após muitas dificuldades e reflexões que era desnecessário viver para provar ao outro o seu valor. Então, decidiu se dedicar à docência, desejava estabilidade financeira e o cargo público dava todas as garantias que naquele momento buscava.

Ela narra que, durante todos os anos subsequentes seguiu, dedicando-se e buscando formas de continuar naquele trabalho, que com o tempo foi se modificando, mas ela, também já não era mais a mesma, mas precisava continuar. Conforme Codo e Gazzotti (1999, p. 59), “[...] para todos os educadores é preciso que se encontre formas de lidar com o impasse, através do aumento da resistência do trabalhador ou de atividades que permitam uma melhor administração de sua energia afetiva”. Um dos meios utilizados por Rosa para resistir aos anos que faltam para a sua aposentadoria, foi lançar mão do uso contínuo de medicamentos, ela diz que tomou muitos remédios, para muitos dos sintomas que apresentava, inclusive admite que, por muitas vezes, praticou a automedicação, o que ela mesma desaconselha e enxerga como uma saída errada.

Posteriormente, ela encontrou outra forma de permanecer na docência mas, dessa vez, sem contraindicações e efeitos colaterais. Começou a desenvolver trabalhos manuais e aprendeu a confeccionar artesanatos variados que são percebidos como um refúgio, atividade essa a que se dedica com prazer nos momentos de folga:

Faço artesanato para eu não pirar [...] isso é uma fuga! [...] era um jeito de sobreviver, uma forma que achei para sobreviver. Por exemplo, eu sempre vou para meu artesanato na escola quando eles me deixam nervosa! Eu paro, penso e me pergunto que cor eu vou fazer minhas caixinhas? Isso tudo mentalmente! Dou uma viajada, senão eu vou brigar com eles, e eu não posso. Antes quando eu chegava em

casa eu ficava só preparando coisa de escola, agora, não mexo em coisa de escola, vou cuidar da minha casa, depois vou fazer meus artesanatos, vou brincar com a minha filha, volto para os artesanatos e só! (Rosa).

Rosa menciona que está cansada da atividade docente e que espera a chegada da aposentaria. Ela utiliza uma série de recursos para diminuir seu desgaste com a docência:

Hoje eu quero trabalhar na sexta, que é o dia que vai menos alunos. Hoje eu trabalho em função de quantos dias faltam para o próximo feriado, quantos dias tem o final de semana, as férias! As férias custam a chegar. Mas a gente trabalha em função disso! E estou em contagem regressiva para aposentar 5 anos e 3 meses (risos) (Rosa).

Nessas idas, vindas e voltas da vida da Rosa, ela perdeu a mãe, casou-se novamente, montou e desmontou um negócio, teve outro filho, agora uma menina, com três anos. Fez algumas especializações e continuou trabalhando e educando. Hoje, além de todas as tarefas cotidianas e profissionais, ainda tem sob seus cuidados o pai, que é portador da doença de Alzheimer, outro novo desafio recente. Os irmãos concluíram que ela - por ser mulher - seria a pessoa mais bem preparada para cuidar do pai.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo educativo é atravessado por inúmeros e complexos fatores, tornando necessário pensá-lo a partir da multiplicidade de processos que o compõem, sejam eles sociais, financeiros, culturais, políticos, sociais ou regionais. É preciso levar em conta toda a diversidade humana dessa grande engrenagem cultural.

Percebemos, a partir dos breves relatos, que a docência é feita de pessoas com perfis e formas de trabalhar distintas. Cada pessoa que chega traz um tanto de si, das suas histórias, vivências e experiências. Pensamos, apesar dos entraves, que muitas são as possibilidades de reinventar a educação, a começar pela forma como são conduzidos os processos seletivos nas licenciaturas, que poderiam ser pautados não somente nas capacidades intelectuais dos estudantes, mas também voltados para critérios de personalidade, que poderiam privilegiar perfis que detivessem outras habilidades, por exemplo, a capacidade de adaptação, afetividade, resiliência e auto motivação, que também levasse em conta a história de vida daquele profissional.

Os processos que envolvem a educação são dinâmicos, as mudanças são rápidas e a busca por adequações e melhorias precisam ser constantes. Estamos certos que acompanhar

todo esse desenvolvimento não é uma tarefa fácil, porém necessária e possível, desde que se dê a cada um as ferramentas necessárias.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, (Coleção Mundo do Trabalho). 2005.

ASSUNÇÃO, A. A.; OLIVEIRA, D. A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 107, p. 349–372, 2009. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302009000200003> >. Acesso em: 10 set. 2014.

BAKKER, A. B.; DEMEROUTI, E.; SANZ-VERGEL, A. I. Burnout and Work Engagement: The JD–R Approach. **Annual Review of Organizational Psychology and Organizational Behavior**, Palo Alto, v. 1, n. 1, p. 389-411, 2014. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1146/annurev-orgpsych-031413-091235> >. Acesso em: 09 mar. 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BATISTA, A.S.; CODO, W.; Crise de identidade e sofrimento. In: CODO, W. (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

CARLOTTO, M. S. A síndrome de burnout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, 2002. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722002000100005> >. Acesso em: 14 fev. 2016.

CARVALHO, M. P. **No coração da sala de aula**: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo: Xamã, 1999.

CODO, W.; GAZZOTTI, A. A. Trabalho e afetividade. In: CODO, W. (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

CODO, W.; VASQUES-MENEZES, I. O que é burnout? In: CODO, W. (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

CODO, W.; VASQUES-MENEZES, I.; VERDAN, C. S. Importância Social do trabalho. In: CODO, W. (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

COLOM, R.; ZARO, M. J. **A psicologia das diferenças de sexo**. São Paulo: Vetor, 2007.

DANTAS-BERGER, S. M.; GIFFIN, K. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de

Janeiro, v. 21, n. 2, p. 417-425, 2005. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2005000200008> >. Acesso em: 13 out. 2016.

FABRÍCIO, M. Z.; KASAMA, S. T.; MARTINEZ, E. Z. Qualidade de vida relacionada à voz de professores universitários. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 280-287, 2010. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-18462009005000062> >. Acesso em: 27 mar. 2017.

FREIRE, P. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **O educador: vida e morte**. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GONÇALVES, E. **Pensando o gênero como categoria de análise: estudos de Gênero**. Goiânia: UCG, p. 41-60. (Cadernos de Área, 7). 1998.

KARMANN, D. F.; LANCMAN, S. Professor - intensificação do trabalho e o uso da voz. **Audiology - Communication Research**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 162-170, 2013. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S2317-64312013000300005> >. Acesso em: 27 mar. 2014.

LOURO, G. L. **Currículo, gênero e sexualidade**. Lisboa: Porto Editora, 2000.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2013.

MORAIS, E. P. G.; AZEVEDO, R. R.; CHIARI, B. M. Correlação entre voz, autoavaliação vocal e qualidade de vida em voz de professoras. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 14, n. 5, p. 892-900, 2012. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-18462012005000032> >. Acesso em: 25 fev. 2017.

MORENO, N. Condiciones de trabajo y salud desde una perspectiva de gênero. **Jornada de la Red de Médicas y Profesionales de la Salud**, Madrid, v. 9, p. 64-70, 1999.

PAULA, A. V.; VILAS BOAS, A. A. Well-being and Quality of Working Life of University Professors in Brazil. In: VILAS BOAS, A. A. (Ed.). **Quality of Life and Quality of Working Life**. Rijeka: InTech, 2017. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.5772/intechopen.70237> >.

ROBALINO, M.; KÖRNER, A.; REGIONAL OFFICE FOR EDUCATION IN LATIN AMERICA AND THE CARIBBEAN - UNESCO. **Condiciones de trabajo y salud docente: estudios de casos en Argentina, Chile, Ecuador, México, Perú y Uruguay**. Santiago - Chile: UNESCO Oficina Regional de Educación para América Latina y el Caribe, 2005, 209 p. Disponível em: < http://www.unesco.org/ulis/cgi-bin/ulis.pl?catno=142551&set=00544FEA50_2_420&gp=1&lin=1&ll=1 >. Acesso em: 15 jan. 2014.

SANTANA, M. C. C. P.; GOULART, B. N. G.; CHIARI, B. M. Distúrbios da voz em docentes: revisão crítica da literatura sobre a prática da vigilância em saúde do trabalhador. **Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 288-295,

2012. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S2179-64912012000300016> >. Acesso em: 23 mar. 2016.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, 1990.

SORATTO, L.; OLIVIER-HECKLER, C. Os trabalhadores e seus trabalhos. In: CODO, W. (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O ofício do professor: histórias, perspectivas e desafios internacionais**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O Trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

VERISSÍMO, C. A.; ALVES, J. M.; PAULA, A. V.; As Muitas Faces do Trabalho Docente Feminino: Vivências na Escola. **Rev. FSA**, Teresina, v.15, n.1, art. 7, p. 124-141, jan./fev. 2018.

Contribuição dos Autores	C. A. Veríssimo	J. M. Alves	A. V. Paula
1) concepção e planejamento.	X		X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X	X